

PSICOLOGIA E CULTURA: MEMÓRIA.

Psicologia e cultura é um campo particularmente fértil para problematizar a mútua constituição entre sujeito e mundo social. Propomos sessão coordenada com trabalhos de pesquisa tematizando a memória social no campo da cultura: memória na elaboração da identidade individual dentro do corpo social de pertença familiar ou comunitário.

A MEMÓRIA COLETIVA COMO RECURSO PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM FAMÍLIAS DA SOCIEDADE ISRAELITA DE RIBEIRÃO PRETO. *Marina Massimi, Milena Callegari Cosentino** (Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP)*

As mutações da sociedade atual e a aceleração do tempo histórico levam a um impulso de coesão com e no passado, de arraigo às origens, buscando pistas de identidade contidas no passado coletivo. Os fenômenos da globalização conduzem a uma necessidade de enraizamento e de continuidade; necessidades preenchidas pela memória. Esta, na perspectiva de Maurice Halbwachs, possui ao mesmo tempo um caráter individual e um coletivo, sendo, em parte, modelada pela família e pelos grupos sociais. Revela tanto aspectos da identidade pessoal como social e aponta qual lugar os indivíduos e os grupos ocupam na sociedade. A tradição judaica é a tradição da memória por excelência e a história do povo judeu ilustra os mecanismos da memória e da lembrança. Nesta tradição os rituais e os relatos são canais que transmitem a memória através dos tempos. O objetivo desta pesquisa foi estudar como membros e familiares de uma comunidade judaica vivem a memória coletiva e o que isso significa em suas vidas cotidianas, visando apreender o processo de construção da identidade individual. Entrevistamos 13 pessoas, de cinco famílias diferentes, descendentes de judeus que imigraram para o Brasil. O contato foi proporcionado pela Sociedade Israelita de Ribeirão Preto. Para entrevistar, utilizamos o método da história oral, uma narrativa linear e individual do que os participantes consideram significativo. Neste método, a memória é uma forma de evidência histórica e deve ser analisada como tal. Considerando que na memória as pessoas constroem um sentido do passado, a reflexão ocupa um lugar fundamental para a ressignificação deste passado recordado. As entrevistas, gravadas e transcritas, são apresentadas na íntegra. Os participantes são categorizados em grupos, por família e grau de parentesco. Família 1: Maria (filha), Fernando (neto) e Calebe (neto); Família 2: Patrícia (filha) e Iracy (neta); Família 3 : Antônio (filho), Josy (neta) e Alex (neto); Família 4: Vânia (filha) e Talita (neta); Família 5: Zélia (filha), Daniel (neto) e Raquel (neta). Os nomes são fictícios visando preservar sua identidade. Nas entrevistas notamos uma riqueza pela diversidade e semelhança: são pessoas da mesma família ou de famílias diferentes, que percebem e elaboram a experiência de suas famílias de modos distintos, particulares, complementares e às vezes parecidos, que enriquece a análise e favorece a reflexão, servindo de modelo para alguns aspectos da vida. Também percebemos um processo de construção da identidade: necessidade de contar ou silenciar; como enfrentam eventos traumáticos; como preservam ou não a religião e as tradições; as mudanças ao longo das gerações; a relação com o trabalho e o meio em que vivem; os valores herdados e transmitidos para as próximas gerações, entre outros aspectos que surgiram nas narrativas. O conceito de memória coletiva iluminou a maneira de olharmos para os participantes e seus relatos. Possibilitou que notássemos o que ficou do passado no grupo estudado e o que o grupo fez com o passado. Mais do que conclusões ou

pressupostos, alertamos que as entrevistas possuem infindáveis conteúdos para serem explorados e apenas alguns destes aspectos foram abordados neste estudo.

Apoio financeiro/Bolsa: CAPES / FAPESP

Nível do trabalho: Mestrado - M

Palavras-chave: Memória Coletiva; História Oral; Descendentes de Imigrantes Judeus

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social

A HERANÇA DO SOBRENOME MATERNO. *Elaine Pedreira Rabinovich*
(*Família, (Auto)Biografia e Poética, Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA*)

A atribuição do nome patronímico é, em geral, uma consequência da situação familiar do recém-nascido. Patronímico designava o “nome comum a todos os descendentes de um mesmo ancestral ilustre e tirado do nome próprio deste personagem; na época moderna, ele é empregado com o sentido de nome de família em oposição ao pré-nome. Herdam-se os sobrenomes pelos quais também se dá a família, havendo um sobrenome comum aos seus membros. Deste modo, o sobrenome situa a criança em uma linhagem: “o sobrenome inscreve a pessoa em uma história e em uma comunidade que o nomeia” (Somer). Assim, como o nome, o sobrenome pode ter um “poder” sobre o nomeado, “em que a criança carrega, por meio dele, uma memória, inscreve-se em uma história que o precede e, algumas vezes, implica em um destino” (Chalier). Dentro desta perspectiva, a história do meu sobrenome, a partir de um momento do meu doutorado, tornou-se bastante importante e significativa para mim. Trata-se do meu nome “do meio”, Pedreira, transdução do nome materno. Nasci durante a II Guerra Mundial e meus pais e tios haviam resolvido dar um nome “brasileiro” aos seus descendentes de modo a nos “proteger” de atos anti-semitas. No entanto, eu sou a única a portar o sobrenome Pedreira na família. A partir de certo momento de minha vida, comecei a gostar dele por me sentir “única”. Várias vezes utilizava-o, pois o sobrenome vindo do lado paterno é frequentemente não compreendido no Brasil, tendo eu de soletrá-lo. No meu sobrenome “brasileiro”, ficou inscrita uma “sina”, dada por meus pais, por meio de um enraizamento em uma terra natal, o Brasil, que me tornou responsável em dar conta deste desafio lançado a mim pelo meu sobrenome. Fui conquistada por aqueles que poderiam ser vistos como conquistados, enquadrando-me, como eles, como mestiça, já que o sobrenome Pedreira realizou uma mescla entre o sobrenome original e aquele recebido por mim. As consequências da “família como interpretante” (Pierron) acabaram por se impor na medida em que a interpretação familiar, contida e revelada no sobrenome, quanto à inserção sócio-histórica pode ser vista no meu trabalho acadêmico: um mergulho nisto no que vim a denominar “brasilidade”. Portanto, minha hipótese é a de que eu, ao portar um sobrenome “brasileiro”, passei a ter uma dívida com o povo brasileiro que acolheu minha família e outros semelhantes. Minha “lealdade invisível”, mais do que com a família, projetou-se para um grupo maior, o dos habitantes do território denominado “Brasil”. A busca da brasilidade pode ser vista como a busca de preencher um “vazio na origem”, que estaria, não apenas no povo brasileiro, como também em mim e na minha identificação com e como brasilidade.

Apoio financeiro/Bolsa: Sem apoio financeiro

Nível do trabalho: Pós-Doutorado - PD

Palavras-chave: sobrenomes; autobiografia; história familiar

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social

O TRABALHO DA MEMÓRIA E A VIVÊNCIA DA TRADIÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE MAURICE HALBWACHS E LUIGI GIUSSANI. *Roberta Vasconcelos Leite***, Miguel Mahfoud (Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG)

Assiste-se à valorização da memória em ciências humanas, enquanto a vivência da tradição segue sendo associada a alienação e coletividades retrógradas e herméticas. Objetivamos nesta pesquisa teórica aprofundar a relação entre memória coletiva e vivência da tradição partindo das elaborações do sociólogo Maurice Halbwachs e do filósofo Luigi Giussani. Em Halbwachs apreendemos a memória como fenômeno psicossocial que garante a continuidade entre passado e presente. Cunhando o termo “memória coletiva”, ele demonstrou como, longe de serem atividade meramente subjetiva, lembranças são processos ativos de reconstrução fortemente influenciados por pertença afetiva a grupos, mesmo sem a presença atual de seus membros. As contínuas seleções e reinterpretações do recordado configuram a memória como trabalho e desvelam o movimento grupal de recordar o passado como forma de preservar a identidade, bem como os imperativos da continuidade temporal da coletividade, garantida a partir da transmissão inter-geracional. Para que a memória coletiva possa ser elaborada, reconhece-se a importância da tradição como quadro social que permite a atualização e articulação de seus conteúdos. Nesse sentido, as tradições estariam sempre em movimento: reconstruções operadas no presente com vistas a uma religação às origens da coletividade. Com Giussani, reconhecemos a experiência elementar como crivo com o qual julgamos as vivências, critério próprio que permite responder ao mundo de modo pessoal. Fazer memória coincide com retomar juízos já dados, atualizando provocações vividas, protegendo a experiência da mera reatividade do instante. A memória abre-nos ao horizonte no qual cada experiência se inscreve. Horizonte que precisa ser totalizante, pois, sem uma hipótese de significado global da existência, não é possível empenhar-se na busca por compreender a experiência e verificar sua correspondência. Sendo a tradição o quadro de elaboração da experiência que permite conceber a totalidade, ela não se configura como negação da individualidade, mas como condição para o posicionamento pessoal: é tomando instrumentos da própria tradição que o sujeito pode verificar efetivamente a pertinência de suas propostas, rejeitar o inconsistente e aderir com maturidade ao que reconhece como valor. Se, pelo contrário, tenta-se negar a tradição como ponto de partida, as respostas possíveis são a manipulação da realidade pela presunção, sua alteração pela fantasia, ou seu esvaziamento pela ilusão. O completar-se do processo se dá quando a pessoa desenvolve o sentimento de si como responsabilidade para algo maior e passa a se empenhar ativamente na manutenção e renovação da tradição por ele verificada, construindo cultura e história. Para Halbwachs e Giussani, portanto, memória é guardiã da experiência, processo a um só tempo pessoal e coletivo, que só pode ser compreendido em conexão com o quadro mais amplo de uma tradição viva. Concluímos que, reconhecendo o nexo memória-tradição, compreende-se melhor o caráter coletivo da memória, bem como é possível superar a identificação da tradição como processo necessariamente alienante. Ao invés, os autores conseguem articular de modo original o reconhecimento de que somos formados pelo meio sociocultural à centralidade de nossa resposta pessoal ao que nos é transmitido, numa contribuição efetiva para o desafio de abordar a relação sujeito-contexto em sua complexidade dinâmica.

Apoio financeiro/Bolsa: Capes (Bolsa de Doutorado)

Nível do trabalho: Doutorado - D

Palavras-chave: memória coletiva; tradição; experiência elementar

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social

DO “HERDADO” AO “APROPRIADO”: HERANÇA, APROPRIAÇÃO E BUSCA DE INDIVIDUALIZAÇÃO. *Lorena Márcia Nascimento Cardoso***, *Priscila Brito Colombo** (*Família, (Auto)Biografia e Poética, Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA*)

Ao abordar a temática do “sobrenome” e suas representações e dimensões, um aspecto chama atenção: em qual momento da vida, geralmente, a pessoa se apropria do sobrenome da família de origem? Essa apropriação ocorre imediatamente no ato de registrar legalmente uma criança pelos seus pais? Ou esse “apropriar-se” ocorrerá posteriormente? Para entender esses questionamentos, propomos uma reflexão que envolve apropriação, identificação, significados e desenvolvimento. A identificação do sobrenome e a sua tomada de posse necessitam de mecanismos de aprendizagem, repetição e automatização para que, posteriormente, sejam internalizados e agregados valores. Esse movimento se inicia na infância, perpassando por todos os ciclos de vida. A criança ao nascer recebe um sobrenome e, na medida, em que se lança no seu segundo contexto de socialização, a escola, é ensinada a escrever o sobrenome do pai e da mãe. Esse recebe o seu sentido de pertencimento na medida em que consegue ser reproduzido na escrita, identificando-se a própria criança pelo nome completo, sendo também reconhecida pela mesma identificação. A criança, nessa fase igualmente, passa a conhecer a si e reconhecer-se em si por meio das histórias familiares contadas. Estas são apenas reproduzidas sem serem ainda questionadas. Essa atuação é propiciada pela maturação do seu organismo e pelo desenvolvimento da sua cognição. À medida que se apropria de seu sobrenome, internalizando conceitos, adquirindo novas habilidades e ampliando os seus conhecimentos, em paralelo à saída da infância, o indivíduo inicia um novo ciclo de vida: o da adolescência. A identificação e o empoderamento do adolescente são feitos por meio da representação que seu sobrenome tem no seio social. A representação do sobrenome na sociedade facilita a demarcação do espaço e reconhecimento que o adolescente busca no seu grupo. Assim, o sobrenome para o adolescente, ganha uma conotação diferente. Para alguns adolescentes, o sobrenome pode ter um significado negativo frente à história vivida e contada. Sendo assim, o sobrenome pode adquirir novos significados e novas representações ao longo do curso de vida da família e individual, pois, sofrendo as influências do meio e as da idade adulta, as representações e significados agregados ao pertencimento familiar também serão revisado e re-significados.

Apoio financeiro/Bolsa: Sem apoio financeiro

Nível do trabalho: Mestrado - M

Palavras-chave: sobrenome; aprendizado; desenvolvimento

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social

GENEALOGIA COMO CONHECIMENTO DA ORIGEM DO SOBRENOME. *Rosa Maria da Motta Azambuja***, *Elaine Pedreira Rabinovich*

(Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, BA)

A genealogia é conhecida como a ciência da história da família e tem como objetivo desvendar as origens das pessoas e famílias por intermédio do levantamento sistemático de seus antepassados ou descendentes, dos locais onde nasceram e viveram e dos relacionamentos inter-familiares, através do poder da nomeação. Em princípio, não se escolhe o próprio sobrenome: é um nome que já existe de um grupo de pessoas às quais se pertence. O sobrenome inscreve a pessoa em uma linhagem, em uma história e em uma comunidade que o nomeia. Em linha ascendente, traz a memória das gerações precedentes; em linha descendente, está dirigido ao futuro. A história da família, percorrendo os marcos dos sobrenomes, abrange necessariamente os cenários e as circunstâncias nos quais viveram os personagens, enfrentando os seus desafios e assumindo suas aventuras. A reconstrução histórica da formação familiar conduz a interpretações capazes de estabelecer uma ponte entre o passado e o presente, entre os ancestrais e seus descendentes, revelando-se como maior homenagem que se pode prestar aos antepassados. A genealogia é conhecida como a ciência da história da família e tem como objetivo desvendar as origens das pessoas e famílias por intermédio do levantamento sistemático de seus antepassados ou descendentes, dos locais onde nasceram e viveram e dos relacionamentos inter-familiares, através do poder da nomeação. Em princípio, não se escolhe o próprio sobrenome: é um nome que já existe de um grupo de pessoas às quais se pertence. O sobrenome inscreve a pessoa em uma linhagem, em uma história e em uma comunidade que o nomeia. Em linha ascendente, traz a memória das gerações precedentes; em linha descendente, está dirigido ao futuro. O presente estudo tem como objetivo analisar a genealogia do sobrenome identificando a origem do sobrenome, os procedimentos para a pesquisa e a elaboração de uma árvore genealógica. Com base em autores como Polanah, Guérios e Mantesso Neto, dentre outros escolhidos tendo como referência os campos da Antropologia, História e Genealogia. Este estudo reúne as principais referências teóricas a respeito da genealogia das famílias em diferentes culturas. Neste sentido, esta pesquisa pretende oferecer subsídios para esclarecer algumas dinâmicas encontradas na relação entre o nomeado e o seu sobrenome em um percurso de reconhecimento de um si próprio que é também “outro”: o de pertencer a uma família.

Apoio financeiro/Bolsa: Sem apoio financeiro

Nível do trabalho: Doutorado - D

Palavras-chave: Genealogia; Historia familiar; Sobrenome

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social

ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA OBRA “A MENINA DO SOBRADO”: O EMERGIR DA ESTRUTURA DA PESSOA NO ROMANCE MEMORIALISTA DE CYRO DOS ANJOS. *Rafael de Paula da Silva**, Miguel Mahfoud (Laboratório de Análise de Processos em Subjetividade. Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, MG)

Pesquisas em psicologia têm buscado compreender modos característicos de elaboração da experiência de certas pessoas, identificando modos particulares de se posicionarem no mundo e contemporaneamente apontando aspectos universais da experiência humana. O objeto deste trabalho é a apreensão da elaboração da experiência de mundo

do escritor e poeta mineiro Cyro dos Anjos a partir do seu romance memorialista *A menina do sobrado* (1979): uma obra que se ocupa da evocação de memórias do autor principalmente no que diz respeito à sua infância e juventude. A análise fenomenológica da obra evidencia a busca do autor de evocar suas memórias como em um trabalho de escavação de sua subjetividade. Discute-se os resultados em diálogo com a Arqueologia Fenomenológica para buscar os elementos fundantes da elaboração da experiência típica da pessoa de Cyro dos Anjos. Relatos, reflexões e descrições do passado vivido em Montes Claros dão acesso às preocupações, à sensibilidade, às percepções e ao modo como o autor percebia e compreende seu mundo de então. Apontamos as diversas exigências originais de ser com o outro que são estruturantes da pessoa de Cyro como modo particular de viver exigências de todos os seres humanos: ser com o outro se revela elemento integrador de cada experiência e de sua própria pessoa, de forma que diversas exigências originais estão a ela articuladas. Da análise das evocações e descrições das memórias se desvelam os elementos fundantes da experiência de Cyro com grande capacidade empática e sensibilidade ao outro e ao laço social; que mesmo quando sozinho se encontra em relação com o outro; que reflete sobre e tenta compreender a organização da sociedade de Montes Claros; que deseja e se reconhece amado e capaz de amar; que busca ser reconhecido pelos sujeitos dos contextos nos quais se encontrava inserido; que encontra - nas relações com pessoas específicas e nos eventos sociais - um modo típico de localizar e organizar suas memórias no tempo; que busca a verdade na sabedoria dos outros; que se condói com a dor e sofrimento alheio; que pede por justiça e reconhece a beleza dentro dos relacionamentos pessoais. A análise da obra nos mostra o Cyro dos Anjos que descobre sua própria pessoa e que elabora sua experiência de mundo por meio da rememoração e descrição do passado vivido, permitindo-nos colher um modo típico de se posicionar diante da realidade a partir das suas exigências de ser com o outro.

Apoio financeiro/Bolsa: CNPq

Nível do trabalho: Iniciação Científica - IC (trabalho de graduação)

Palavras-chave: Experiência Elementar, Fenomenologia, Psicologia e literatura

Área da Psicologia: SOCIAL - Psicologia Social